

JONATHAN FAGUNDES DA SILVA
MATEUS DIAS PIRES

SOBRIEDADE: LIBERTAÇÃO DE UM SUBMUNDO

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
2016

JONATHAN FAGUNDES DA SILVA
MATEUS DIAS PIRES

SOBRIEDADE: LIBERTAÇÃO DE UM SUBMUNDO

Projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Felipe Lopes Menicucci

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
2016



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Projeto experimental intitulado *Sobriedade: libertação de um submundo*, de autoria dos estudantes Jonathan Fagundes da Silva e Mateus Dias Pires, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Felipe Lopes Menicucci– Orientador
Professor do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
Mestre em Comunicação Social pela UFJF

Carolina Pires Araújo
Jornalista
Mestre em Informação e Comunicação em Saúde pela Fiocruz

Rafael Barbosa Fialho Martins
Jornalista
Mestre em Comunicação Social pela UFMG

Viçosa, 11 de novembro de 2016



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Nós, **Jonathan Fagundes da Silva e Mateus Dias Pires**, autorizamos o curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV a disponibilizar, através de seu website (WWW.COM.UFV.BR ou endereço similar) o(s) arquivo(s) PDF de meu Trabalho de Conclusão de Curso. Estamos ciente que o(s) arquivo(s) estará(ão) disponível(is) para download neste formato.

Autorizamos também o Curso de Comunicação Social/Jornalismo a publicar nosso trabalho nos diferentes meios, formas e tipos de publicações que a Instituição achar desejável, observando a atribuição dos devidos créditos.

Viçosa,.....de.....de20.....

Assinatura - Jonathan Fagundes da Silva

Assinatura – Mateus Dias Pires



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

DECLARAÇÃO

Nós, **Jonathan Fagundes da Silva** e **Mateus Dias Pires**, declaramos estarmos cientes do regulamento que rege os Projetos Monográficos e Experimentais em Jornalismo do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa.

Viçosa,.....de.....de20.....

Assinatura – Jonathan Fagundes da Silva

Assinatura – Mateus Dias Pires

AGRADECIMENTO

Agradeço, antes de mais nada, a Deus, por idealizar cada detalhe desse sonho acadêmico. Aos meus pais, Lucimar e Osvaldo, pela dedicação e empenho para que eu me tornasse um ser humano melhor a cada dia. Aos meus irmãos, Lucas e Matheus, pela lealdade e companheirismo de sempre.

Gratidão ao Mateus, amigo e companheiro de todas as horas, pela fidelidade nas pequenas coisas, por essa amizade que ultrapassa os limites das “Quatro Pilastras” e, com certeza, levarei por toda vida. Obrigado, por estar presente em todos os momentos, sejam bons ou ruins e, desde já, agradeço pelas aventuras que virão. Valeu, Teus!

Ao Felipe, por me apresentar um universo maravilhoso chamado Comunicação, junto aos amigos da Rádio Escola K-Entre Nós. E, por retornar a Viçosa, contribuindo e orientando de forma sensacional para a boa realização deste trabalho.

Aos amigos do ASC e JSC, por compartilharem os meus momentos de angústia, alegrias e expectativas durante toda a graduação. Em especial, ao Rodrigo Fuscaldi, sempre atencioso e disposto a me ajudar em todas as ocasiões.

Aos amigos da Comunicação, em especial, Ana Paula e Dayane pela amizade e tretas durante a jornada. A velha guarda da CCS pelas “fixas” memoráveis. Fernandão, Gabs, Hayra, K2, Lilão, Marcus Túlio, Miquis, Thaiss e Thalescom: “os nossos serão sempre nossos!”.

Aos professores e funcionários do Departamento de Comunicação Social, minha gratidão por vocês fazerem acontecer, por acreditarem no nosso potencial e defenderem com tanta honra uma educação de qualidade. Obrigado, Kátia Fraga, Henrique Mazetti e a “profa” Kelly Scoralick, por toda a dedicação e empenho ao ensinar.

Ao Gerar, pelas contribuições acadêmicas e por me ajudar a despertar um lado pesquisador que até então estava adormecido. Aos amigos da Letras e Coral da UFV, por todo apoio e bons momentos vividos.

A Ana Clara, pelo incentivo e por ser a melhor dupla! A COM 13 pelo amor, amizade e parceria nesses 4 anos. Sem vocês não teria graça, não seria desse jeito peculiar e maravilhoso. Obrigado, pelos sorrisos, choros e momentos de crise. Que o nosso futuro seja iluminado!

Jonathan Fagundes da Silva

Aos meus pais, Irani e Milton, o meu grandioso agradecimento por todas as formas de apoio e orientação que sempre recebi. Estendo a gratidão aos meus irmãos, Darlene e Diego, que sempre se mostraram dispostos a lutar junto comigo pelos meus objetivos. É com muita alegria que compartilho esse momento com todos vocês.

Não há como deixar de agradecer ao Jonathan, que muito mais que um amigo, se mostrou um excelente parceiro de trabalho. Tenho certeza que sem você este trabalho não seria possível. Muito obrigado por ser o amigo de todos os momentos e também por acreditar em mim, tanto por dividir a responsabilidade do TCC quanto por incentivar a conquistar os meus sonhos.

Agradeço também a todos os professores com quem tive a oportunidade de aprender, desde o primeiro dia na escola, até os da universidade. Cada um teve uma grande importância para que eu chegasse até aqui. Muito obrigado aos mestres e funcionários do DCM e a Universidade Federal de Viçosa.

Muito obrigado a Acrotech, em especial a Paula e o Felipe, com quem tive a oportunidade de estagiar durante boa parte da minha graduação. A experiência que adquiri na empresa foi, sem dúvidas, essencial para o meu desenvolvimento.

Aos meus amigos Karina, Ingrid, Robson e toda a COM 13, muito obrigado! Ter convivido e compartilhado com vocês vários momentos ao decorrer desses 4 anos de graduação foi espetacular! Quero levá-los comigo sempre!

Ao Felipe, nosso orientador, não mais que justo um grandioso muito obrigado! Toda a orientação e apoio recebidos foram fundamentais para chegarmos até aqui. Agradeço também por incentivar minha participação no Curso de Residência em Jornalismo da Rede Gazeta e por entender a dinâmica do nosso trabalho a partir de então. Gratidão ao seu trabalho e a pessoa que é.

Obrigado também a minha família de Vitória, João, Wilma e Luana, que me proporcionaram um apoio incrível nesta fase da minha vida. A todos vocês, minha eterna gratidão e admiração!

Agradeço a Deus por permitir a realização dessa conquista e desse sonho.

Mateus Dias Pires

RESUMO

O presente trabalho é um memorial que acompanha o vídeo-documentário “Sobriedade: libertação de um submundo”, cujo objetivo foi retratar o processo de reabilitação dos dependentes químicos. Neste memorial, trazemos recortes da literatura que abordam as questões ligadas ao gênero documentário e à dependência química. Nesse sentido, o conceito, a relação das drogas com a humanidade, desde a antiguidade até a atualidade, além de números que demonstram o consumo de substâncias lícitas e ilícitas no Brasil são apresentados. As fontes do vídeo-documentário foram buscadas nas instituições de reabilitação. A realização do trabalho demonstrou que o consumo de drogas é considerado alto em todo o mundo e que a mídia exerce influência no consumo de drogas lícitas, como é o caso do álcool. Além disso, a família de um dependente tem uma função importante para o tratamento, bem como o trabalho de instituições e clínicas. Espera-se que o trabalho sirva como fonte de informação e que estimule o debate sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE

Dependência Química; Sobriedade; Documentário.

ABSTRACT

The present work is a memorial that accompanies the video-documentary "Sobriety: liberation of an underworld", which objective was to portray the process of rehabilitation of chemical dependents. In this memorial, we bring clippings from literature that address issues related to documentary genre and chemical dependency. In this sense, the concept, the relationship between drugs and humanity, from antiquity to present, as well as numbers that demonstrate the consumption of licit and illicit substances in Brazil are presented. The sources of the video documentary were researched in the rehabilitation institutions. The work showed us that drug use is considered high throughout the world and that the media has an influence on the use of licit drugs, such as alcohol. In addition, the family of a dependent has an important function on the treatment, as well as the work of institutions and clinics. It is hoped that the work will serve as a source of information and stimulate a debate on the subject.

KEY-WORDS

Chemical dependency; Sobriety; Documentary.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1– O GÊNERO DOCUMENTÁRIO	11
CAPÍTULO 2 – DEPENDÊNCIA QUÍMICA	14
1.1 – O conceito.....	14
1.2 – Da antiguidade aos dias atuais.....	17
1.3 –As drogas no mundo e no Brasil.....	18
1.4 –O tratamento e a reinserção na sociedade.....	19
RELATÓRIO TÉCNICO	21
2.1 – Pré-produção.....	21
2.2 – Produção.....	24
2.3 –Personagens.....	26
2.4 – Relatos.....	36
2.5– Pós-produção.....	37
2.6– Ficha técnica.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
ANEXOS	42

INTRODUÇÃO

Há tempos as drogas são usadas pela humanidade para diversos fins. Na antiguidade grega, por exemplo, as substâncias serviam como medicamento, veneno, fonte de prazer e também em cerimoniais religiosos. Atualmente, as substâncias são associadas ao crime e à violência, tendo os meios de comunicação uma grande contribuição nesse aspecto.

A mídia exerce um papel decisivo quando o assunto em questão é o consumo de drogas. O álcool, classificado como uma substância psicoativa e lícita, recebe incentivo de consumo frequentemente. As propagandas de marcas de cerveja, por exemplo, se utilizam do bom humor, camaradagem e recreação para chamar a atenção dos consumidores. Nessa linha, os jovens são estimulados a consumirem o produto, como escreve Flávio Pechansky, Claudia Szobot e Sandra Scivoletto (2004) citando Saffer (2002):

Saffer, ao discutir mitos culturais e símbolos utilizados em propaganda sobre álcool, conclui que a mídia efetivamente influencia o consumo. Para uma mente em desenvolvimento, tipicamente sugestionável e plástica como a de um adolescente, o paradoxo de posição da sociedade e a falta de firmeza no cumprimento de leis são um caldo de cultura ideal para a experimentação tanto de drogas como de álcool, contribuindo para a precocidade da exposição de jovens ao consumo abusivo. (PECHANSKY; SZOBOT; SCIVOLETTO, 2004, p. 2).

Com base nas ideias de Noto (et al,2003), Liana Romera (2009) chama a atenção para a forma como a mídia enquadra a questão das drogas. O assunto recebe mais atenção quando se trata de drogas ilícitas, sendo que o maior consumo de substâncias na sociedade, na verdade, trata-se do que é lícito. Tal situação, na visão da autora, causa uma opinião pública enriquecida com mitos e preocupações sobre as drogas ilícitas e dá às lícitas “[...] muita permissividade e complacência com o álcool e o tabaco” (ROMERA, 2009, p. 10), por exemplo.

A publicidade e o patrocínio de marcas de cerveja em eventos musicais são formas de associar o álcool a uma vida prazerosa que, juntamente com a veiculação nos meios de comunicação, reproduzem para os jovens, principalmente, uma ideia de associação entre prazer e bebidas. Sobre isso, Liana Romera (2009) escreve:

A veiculação exaustiva de cenas de alegria, prazer, divertimento, paquera, sucesso que são normalmente buscadas no cotidiano, encontram-se condicionadas ao consumo de bebidas, na mesa do bar, no churrasco, no final de semana na praia. Torna-se, portanto, estabelecida, a ideia de que, sem o consumo de bebidas, especialmente cerveja, não dá pra ser feliz, não há curtidão nem prazer. (ROMERA, 2009, p. 13)

Quando o assunto é retratado no jornalismo, Fábio Mastroianni (2006) percebe que a imprensa brasileira não atribui espaço proporcionalmente para cada tipo de substância usada pela população. O autor identifica que o álcool, a droga lícita mais consumida pelos brasileiros, recebe a mesma atenção do que as ilícitas, mesmo representando 80% dos atendimentos hospitalares relacionados ao uso de drogas. Entretanto, o quesito saúde não é a angulação mais preferida pelos jornais brasileiros:

Noto & Mastroianni (2003) apontam que os temas relacionados ao tráfico superam os temas referentes à saúde. Isto demonstra que a discussão acerca deste assunto no Brasil está mais atrelada a uma questão de segurança do que de saúde. Havendo, portanto, um predomínio do discurso repressivo que legitima práticas que visam apenas à redução da oferta como forma de lidar com a questão. (MASTROIANNI, 2006, p. 17)

Andi (2005), citado por Fábio Mastroianni (2006) conclui que a forma como a imprensa noticia as drogas provoca a criação de um estereótipo, que associa os usuários a algum tipo de violência ou crime. Além disso, o volume de matérias relacionadas à segurança pública e ao tráfico de drogas reflete as políticas, que priorizam a repressão do tráfico a outras demandas. “Esse tipo de cobertura jornalística reforça e favorece a aceitação dessas práticas como prioritárias” (MASTROIANNI, 2006, p. 77-78)

Ao abordar a questão das drogas, logo se faz uma relação entre Comunicação e Saúde, que andam juntas, já que as ferramentas comunicacionais podem auxiliar na promoção da saúde, de acordo com estudos da área. A abordagem desses dois assuntos juntos se torna relevante para a sociedade. Outro fator importante é que tanto a Comunicação quanto a Saúde têm sido consideradas direitos fundamentais na criação de políticas públicas. (PEREIRA, 2015).

Para Allan Pereira (2015), que realizou um estudo sobre a divulgação do câncer de mama na mídia, a Comunicação não pode ser vista como uma forma eficiente que atende todas as demandas da população. É preciso aprimorar os meios, a forma como ela é difundida, para que o bem-estar da população seja atingido de fato, valendo ressaltar que a

comunicação é um “meio” para contribuir para a promoção da saúde, portanto, a ineficiência da saúde não é de responsabilidade plena da comunicação (PEREIRA, 2015).

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem o objetivo de apresentar, por meio de um vídeo-documentário, o processo de reabilitação do dependente químico, abordando o tratamento dado pelas clínicas de saúde. Mais especificamente, pretendemos abordar a influência da mídia no consumo de substâncias lícitas; além disso, objetiva-se promover a reflexão a respeito da ressocialização do dependente na sociedade, muitas vezes visto de forma marginalizada; além de aprimorar e colocar em prática conhecimentos adquiridos em sala de aula a respeito das técnicas do audiovisual.

O vídeo-documentário enquanto gênero audiovisual é caracterizado por possuir uma narrativa com muitas vozes falando do mundo ou de si (DIAS, 2009). Assim, mediante ao fazer Jornalismo, passamos pelas etapas que julgamos ser necessárias para alcançarmos nossos resultados: definição de clínicas que permitissem acompanhar a rotina de alguns pacientes em tratamento; seleção de boas fontes e que autorizassem a participação mediante a assinatura de um documento, no âmbito da produção; realização das gravações das entrevistas; elaboração de roteiro, edição e a produção deste memorial.

Cíntia Pinto (2011) afirma que o documentário permite dar vozes a fontes não oficiais, ou seja, é possível produzir um conteúdo onde as fontes secundárias ganham vozes de destaque e passam a ser personagens principais das histórias. Dessa forma, a base do documentário está na história de vida dos dependentes químicos em tratamento. Utilizamos a linguagem documental, de forma livre, fugindo à regra de *off*¹+passagem²+sonora³, conforme pondera a autora.

A realização deste trabalho nos dá a possibilidade de mergulhar de modo intenso nas práticas do audiovisual, com o qual já temos afinidade. Assim, tivemos a oportunidade de aplicar o que aprendemos durante a graduação, desde aspectos ligados à produção, entrevista, filmagens, edição de vídeo, elaboração de roteiro e outros atributos que competem a um bom profissional.

Além disso, cada integrante possui motivações pessoais para a realização do trabalho. O estudante Jonathan vivenciou de perto a recuperação de um tio dependente

¹*Off* é um termo utilizado para nomear a narração do repórter em um produto audiovisual, como uma reportagem telejornalística.

²É o momento em que o repórter aparece no vídeo olhando para a câmera. Considerada também a assinatura do repórter em uma reportagem telejornalística.

³Trecho de uma entrevista em que o entrevistado aparece falando.

químico que passou pelo processo de reabilitação e conseguiu, após o término do tratamento, se restabelecer na sociedade. Já o graduando Mateus desenvolveu uma pesquisa durante uma iniciação científica cujo tema foi a dependência de internet e dispositivos eletrônicos. Possui, assim, uma familiaridade com a abordagem do trabalho a ser desenvolvido.

Neste vídeo-documentário foi utilizada a linguagem jornalística na abordagem do assunto tratado. Dessa forma, os alunos fizeram entrevistas em profundidade, permitindo que o entrevistado tivesse liberdade de informar, demonstrar suas percepções e experiências sobre o tema.

Fomos até duas casas terapêuticas para acompanhar a metodologia de tratamento que cada uma desenvolve e também para buscar fontes para gravar as entrevistas. Diferentemente do que esperávamos, fomos bem recebidos pelos internos e pela direção das instituições.

Dada a importância do tratamento ao dependente químico, o trabalho aborda o processo de reabilitação e, conseqüentemente, a reinserção na sociedade. Aqui, entende-se o processo de reabilitação como o período em que o paciente é internado numa clínica até o momento em que ele termina seu tratamento. E reinserção, como o processo de restabelecimento na sociedade, ou seja, como é o processo de conviver longe das drogas, não estando mais internado em uma clínica, e como ele se recoloca no seu contexto social.

Neste memorial trazemos discussões de autores a respeito do gênero documentário e da dependência química. É enriquecido também com o relatório técnico de todo o processo de produção do vídeo-documentário, considerações finais e anexos.

CAPÍTULO 1 - O GÊNERO DOCUMENTÁRIO

De acordo com Ramos (2008), citado por Rodrigo Dias (2009), a definição de documentário - valendo aqui o vídeo-documentário, uma vez que existem outros formatos de documentários em mídias que não seja apenas o audiovisual, se dá como sendo:

uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas,

no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa. (RAMOS, 2008, citado por DIAS, 2009, p. 2)

Por ser uma produção audiovisual, a origem do documentário se mistura com a do cinema, conforme lembra Márcia Carvalho (2013). Os irmãos Lumière, em 1895, ao registrarem a movimentação de funcionários de uma fábrica, estavam aplicando um caráter documental ao que estava sendo produzido. Naquele ano do século XIX, o registro em imagens não sofria muita interferência dos produtores, uma vez que existia uma limitação técnica. Somente após Georges Méliès, com os primeiros filmes de ficção é que registrar o real passou a ser um estilo (BERNARDET, 1984)

Percebe-se assim a emergência de uma discussão entre a relação ficção e documentário, que para Márcia Carvalho (2013) se diferencia principalmente por meio da abordagem do tema. No documentário, existe uma aproximação do objeto retratado na produção, com mais possibilidades de descobertas da realidade que o cotidiano não nos traz.

Ainda sobre a relação ficção e documentário, Ramos (2008), citado por Rodrigo Dias (2009), afirma que o documentário trabalha com elementos vivos, ou seja, aquilo que remete sobre fatos históricos vivenciados e, portanto, identificados na linha do tempo da história. Mesmo que exista essa diferença entre o que a ficção e o documentário retratam, Márcia Carvalho (2013) assinala que o documentário pode se valer de elementos da ficção durante sua produção, porque ela pode ajudar a passar a mensagem sobre o tema e ressaltar a intenção do autor do produto audiovisual.

O documentário utiliza-se de vários recursos e técnicas dos filmes de ficção, como a própria encenação de personagens em cenários e locações, as intervenções da câmera com o uso de planos abertos, closes, planos de detalhes, etc. Além disso, a interferência do entrevistador, do narrador ou do montador/ editor, modifica de maneira significativa o princípio do registro do real. (CARVALHO, 2013, p.3)

Ainda com a intenção de definir o que seja o documentário, Ramos (2008) acrescenta outras características do gênero aqui discutido:

Podemos [...] destacar como próprios à narrativa documentária: presença de locução (voz *over*), presença de entrevistas ou depoimentos, utilização de imagens de arquivo, rara utilização de atores profissionais (não existe um *star system* estruturando o campo documentário), intensidade particular da dimensão da tomada. Procedimentos como câmera na mão, imagem tremida, improvisação, utilização de roteiros abertos, ênfase na indeterminação da tomada pertencem ao campo estilístico do documentário, embora não exclusivamente. (RAMOS, 2008 *apud* DIAS, 2009, p. 3-4)

Bill Nichols (2005) considera que o documentário não é uma "reprodução", mas de fato uma "representação" de alguma vertente do mundo - histórico e social. Até mesmo por essa característica, o gênero permite uma imersão e/ou aprofundamento na temática, uma vez que é necessário um estudo e entendimento do assunto a ser tratado para saber como abordá-lo no vídeo-documentário.

A depender dos objetivos de um documentário, ele pode assumir características distintas, como lembra Márcia Carvalho (2013). A autora cita as definições de Sérgio Puccini (2009) sobre as possibilidades do uso do som no documentário. A voz do narrador - ou voz *over* - permite ser trocada pelo conjunto de entrevistas e depoimentos, que vão se amarrando e formando o fio condutor da história com o auxílio dos sons entre eles:

som direto (na filmagem, em entrevistas, depoimentos, dramatizações e em tomadas em locações); o som de arquivo (filmes, entrevistas, programas de rádio e TV, discursos, entrevistas etc.); voz *over* (narração sobreposta às imagens durante a montagem); efeitos sonoros (sons criados na fase de edição que ajudam a criar ambientação para as imagens) e a trilha musical ou sonora (compilada, adaptada ou original). (PUCCINI, 2009, citado por CARVALHO, 2013, p. 6)

Assim, o vídeo-documentário é um gênero do audiovisual que valoriza as histórias dos entrevistados e se mostra desafiador para os produtores, que têm que planejar a forma como essas histórias serão contadas em harmonia com os ângulos de filmagem, sons, artes e edição.

O gênero documentário possui estilos, segundo Bill Nichols (2005), por exemplo: poético, onde importa mais a emoção que a razão, tendo início no modernismo; expositivo, aborda história e faz uso de legendas e narrações; participativo, que contém a intervenção

do cineasta e outros. Seguindo esse raciocínio, o produto deste projeto experimental é classificado como expositivo.

Um vídeo-documentário exige de seu produtor um comprometimento eficiente com o assunto a ser trabalhado. Se tratando da abordagem de um tema delicado, como é o caso da dependência química, o cuidado deve ser redobrado. Pretendemos no capítulo a seguir traçar uma discussão sobre a dependência química e seu tratamento.

CAPÍTULO 2 - DEPENDÊNCIA QUÍMICA

1.1 O conceito

A dependência química é considerada pela Classificação Internacional de Doenças (CID-10)⁴ um transtorno mental e comportamental que compõe uma síndrome: a síndrome da dependência. O Relatório Mundial de Saúde (2001), produzido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), conceitua a dependência química da seguinte forma:

As perturbações mentais e comportamentais resultantes da utilização de substâncias psicoactivas incluem as perturbações devidas à utilização de álcool, opiáceos, tais como ópio ou heroína, canabinóides como *cannabis*, sedativos e hipnóticos, cocaína, outros estimulantes, alucinogénios, tabaco e solventes voláteis, e são originadas por intoxicação, uso nocivo, dependência e perturbações psicóticas. [...] A dependência envolve desejo pronunciado de tomar a substância, dificuldade de controlar o uso, estados de supressão fisiológica, tolerância, diminuição ou abandono da participação noutros prazeres e interesses e uso persistente não obstante os danos causados ao próprio e aos outros. (OMS, 2001, p.70)

A OMS considera a doença como um caso de saúde pública e que deve merecer a atenção da sociedade e dos governos. Dessa forma, falar sobre o problema das drogas é atual e demanda por constantes reflexões a respeito das causas, consequências e prevenção.

As substâncias que desenvolvem a dependência química em uma pessoa são variadas e as mais difundidas são: álcool, tabaco, cocaína, crack, maconha, alucinógenos, solventes, inalantes (como a cola de sapateiro), estimulantes (como anfetaminas), opióides,

⁴Disponível em: <<http://www.cid10.com.br/buscadescr?query=depend%C3%Aancia>>. Acessado em 17 out. 2016.

sedativos e hipnóticos. Essa diversidade reflete na classificação da doença na CID-10, onde se encontram dez categorias para cada tipo de dependência química.

Código na CID-10	Descrição
F102	Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de álcool - síndrome de dependência
F112	Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de opiáceos - síndrome de dependência
F122	Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de canabinóides - síndrome de dependência
F132	Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de sedativos e hipnóticos - síndrome de dependência
F142	Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso da cocaína - síndrome de dependência
F152	Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de outros estimulantes, inclusive a cafeína - síndrome de dependência
F162	Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de alucinógenos - síndrome de dependência
F172	Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de fumo - síndrome de dependência
F182	Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de solventes voláteis - síndrome de dependência
F192	Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de múltiplas drogas e ao uso de outras substâncias psicoativas - síndrome de dependência

Tabela 1 - Lista das classificações da síndrome da dependência de acordo com a CID-10

Proporcionalmente às substâncias causadoras da dependência, as consequências para a vida do dependente e da família dele também são diversas. A nível pessoal, a qualidade da saúde, além da vida social, educacional e profissional, fica comprometida. O mesmo acontece com os indivíduos que convivem próximos ao doente. Carlos Sobral e Paulo Pereira (2012) escrevem sobre a co-dependência e citam Zampieri (2004) e Ballone (2010) para explicar a relação de co-dependência que existe entre o usuário e seus parentes e amigos:

Segundo Zampieri (2004), a co-dependência pode ser definida como um transtorno emocional característico de familiares ou de pessoas da convivência direta de dependentes químicos, de jogadores patológicos e de pessoas com transtorno de personalidade. De acordo com Ballone (2010), na co-dependência há um conjunto de padrões de conduta e pensamentos patológicos que produzem sofrimento psíquico. [...] E mais, assim como o dependente químico, o co-dependente fica vulnerável em qualquer situação, ora se sentindo culpado pelo

sofrimento do doente e da sua situação familiar, hora acreditando que é vítima das atitudes do dependente químico (SOBRAL; PEREIRA, 2012, p. 2-3)

Capistrano et al (2013) apresentam uma pesquisa que ilustra em detalhes os tipos de prejuízos que o uso abusivo e compulsivo traz aos usuários. As autoras fizeram uma pesquisa em uma clínica de reabilitação de Curitiba, cuja amostra foi de 350 internos.

Quanto às perdas decorrentes da dependência química, 6,6% (n= 23) dos usuários abandonaram os estudos ao menos uma vez na vida e 54% (n= 189) tiveram problemas relacionados à família. Quanto aos problemas conjugais, 29,4% (n= 103) tiveram algum conflito, sendo que desses, 91,6% (n= 87) evoluíram para a separação conjugal em decorrência da dependência química. Em 21,7% (n= 76) dos casos, houve a presença de prejuízos laborais, desses, 63,2% (n= 50) já perderam o emprego em decorrência da dependência química. Por fim, 10,6% (n=37) já moraram na rua por consequência da dependência química. (CAPISTRANO et al, 2013, p. 3)

Em um nível social, a dependência química, além de ser um caso de saúde pública, proporciona o aumento da violência, uma vez que o dependente pode, por vezes, usar meios ilícitos para conseguir recursos com o objetivo de financiar o uso das drogas, que alimenta o tráfico dessas substâncias. A mesma pesquisa de Capistrano et al (2013) evidencia que

20,6% (n=72) [dos internos] cometeram algum tipo de infração penal, entre as quais destacam-se em 49% (n=35) furtos e 13% (n=9) tráfico de drogas. Em 29% (n=21) houve como consequência a privação de liberdade. No que se refere à violência, 26,6% (n=93) praticaram algum tipo sendo que desse, 63% (n=59) cometeram agressão verbal, e física 37% (n=34). (CAPISTRANO et al, 2013, p. 3)

O consumo de drogas lícitas ou não aparece em vários momentos da vida. Presente em situações de recreação e lazer é na classe popular que encontra mais força. Até mesmo em algumas celebrações da religião católica, por exemplo, o vinho, considerado lícito, tem uma função ou conotação (ADORNO, 2008). Daí se demonstra como tais substâncias são cotidianamente apresentadas na sociedade.

No livro *Dependência Química, Representações e Estigmas*, Leonardo Mota (2009) aponta a dependência química como um desvio, podendo ser caracterizado como pecado, crime ou doença. No âmbito religioso, as drogas são comparadas aos êxtases

obtidos por meio de meditações e orações. Porém, a sua dependência não é vista como uma doença e sim como um pecado. Deste modo, o dependente químico é visto como alguém que fugiu dos planos de Deus.

Segundo Leonardo Mota (2009), a dependência vista como um crime é causada devido às ações que o usuário comete, como a posse e/ou cultivo de substâncias psicoativas, o comportamento imprudente após o uso dessas substâncias e crimes e/ou agressões que porventura acontecem. Além dos delitos e violências causadas para sustentar o vício. Nessa linha, o dependente químico é visto como um criminoso pela esfera pública.

Quando a dependência é entendida como doença, o dependente é considerado alguém que precisa de um tratamento para sua recuperação efetiva. Dessa forma, o indivíduo que faz uso de substâncias psicoativas não é visto como pecador, nem como um criminoso com falta de caráter. Elisângela Pratta e Manoel Santos (2009) afirmam que o uso de drogas causando dependência hoje já não é visto só como doença, mas também como caso de saúde pública.

O dependente em estágio inicial sempre procura controlar sua vontade e a frequência de uso. Porém, quando a doença se torna aguda fica impossível manter o controle, e o usuário destina seu tempo para arrumar meios de conseguir substâncias para serem utilizadas (RIOS, 2011).

1.2 Da antiguidade aos dias atuais

Não é de hoje que o ser humano utiliza substâncias que são consideradas drogas. Embasados pelas informações de Martins e Corrêa (2004), Elisângela Pratta e Manoel Santos (2009) lembram que, desde há milhares de anos até hoje, o homem sempre procurou aumentar a sensação de bem-estar e amenizar o tormento.

Cada povo, cada sociedade é detentora de uma contextualização cultural para o uso das substâncias (PRATTA; SANTOS, 2009). Justamente por isso que ao longo do tempo a droga foi associada a benefícios, a prejuízos e por vezes simultaneamente ambas as atribuições.

Laura Nunes e Gloria Jólluskin (2007) fazem um resumo do uso das drogas ao longo da humanidade. Na Antiga Grécia, as substâncias eram vistas como remédio e como

veneno, variando conforme a dosagem utilizada. Foi também na Antiga Grécia que elas passaram a ser usadas para fins de prazer. Nesse mesmo tempo também há registros do uso de drogas em rituais religiosos.

Ao citar Poiares (1999), Laura Nunes e Gloria Jólluskin (2007) consideram que atualmente as drogas representam três funções na sociedade: mercadoria, lúdica/terapêutica e crime. A droga como mercadoria é explicada pelos recursos que consegue movimentar, sendo ainda o “ponto de ligação entre componentes jurídico, econômico e fiscal” (NUNES; JÓLLUSKIN, 2007, p. 1); a função lúdica e terapêutica se dá pela capacidade de ser fonte de tratamento médico e de também promover a libertação/desinibição do convívio em sociedade; já a delegação de crime se dá por ser objeto de uso proibido (ilícito), principalmente a partir de meados do século XX.

1.3 As drogas no mundo e no Brasil

O problema relacionado ao uso de drogas, mesmo que antigo se torna também atual e demanda por constantes reflexões. Dados recentes publicados no Relatório Mundial sobre Drogas (2015)⁵ apontam que mais de 5% da população mundial já fez uso de drogas ilícitas. Consta ainda que o consumo de drogas se mantém estável, porém num valor considerado alto. Em 2013, houve aproximadamente 187.000 mortes envolvendo drogas. De acordo com Yury Fedotov, Diretor Executivo do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (UNODC, na sigla em inglês), responsável pela elaboração do relatório, o acesso ao tratamento do dependente químico ainda é escasso em todo mundo. Apenas uma em cada seis pessoas tem a possibilidade de acesso ao tratamento, sendo que as mulheres enfrentam mais dificuldade para se tratar de modo eficiente⁶.

No Brasil, com base nos dados do II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas - Lenad - (2012)⁷, a droga ilícita mais consumida é a maconha, tanto entre os adolescentes (14 a 17 anos), quanto entre os adultos. 4,3% dos adolescentes e 5,8% dos adultos já usaram a droga pelo menos uma vez na vida, segundo a estimativa do levantamento.

⁵ Disponível em: <<http://www.unodc.org/wdr2015/>> Acessado em 31 mai. 2016

⁶ Mulheres têm mais dificuldade para se livrar das drogas do que os homens. Disponível em: <http://www.saude.com.br/site/materia.asp?cod_materia=680> Acessado em 24 out. 2016

⁷ Disponível em: <<http://inpad.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Lenad-II-Relat%C3%B3rio.pdf>> Acessado em 30 mai. 2016

É importante ressaltar que a dependência química pode resultar em inúmeros problemas ao indivíduo e a sociedade como um todo, como a qualidade de vida, a saúde física e mental, depressão, violências urbana e doméstica, etc. Além dessas questões, podem ocorrer ainda dificuldades na vivência profissional, educacional e relacional (relações interpessoais).

1.4 O tratamento e a reinserção na sociedade

A retomada da qualidade de vida do dependente químico se dá por meio do acesso ao tratamento de reabilitação. Este pode ocorrer em duas dimensões, sendo que a primeira tarefa é a desintoxicação do corpo do indivíduo, para que as drogas e seus efeitos sejam retirados do dependente. A segunda etapa diz respeito à manutenção da vida do dependente (em tratamento) longe das drogas (PRATTA; SANTOS, 2009).

A OMS considera a dependência química um caso de saúde pública recorrente e crônico. Nesse cenário, o acesso ao tratamento da dependência é de extrema importância para a recuperação da qualidade de vida das pessoas que se envolveram com as drogas. Juliana Moreira (2010) chama a atenção para o desenvolvimento de atividades complementares para o dependente em processo de reabilitação. Para a autora, o desempenho de uma “função” para a vida do dependente químico o estimula a conseguir melhores resultados.

No Brasil, o tratamento da dependência química sofre dificuldades pela falta de estrutura, disponibilidade de clínicas, especialidades e capacitação de médicos. Todos esses problemas são reconhecidos pelo Governo Federal. No site⁸ do Senado há informações sobre os obstáculos e também sobre a lei⁹10.216 de 2001, que vem sendo usada como uma das formas de se garantir a internação de um dependente. No estado de São Paulo, por exemplo, o governo estadual juntamente com o Ministério Público,

⁸ 1) Apesar da falta de vagas, lei já prevê Justiça Terapêutica. Disponível em: <<https://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/dependencia-quimica/tratamento-para-dependentes-quimicos/apesar-da-falta-de-vagas-lei-ja-prev-justica-terapeutica.aspx>> Acesso em 10 out. 2016

2) Tratamento para dependentes químicos. Disponível em: <<https://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/dependencia-quimica/tratamento-para-dependentes-quimicos.aspx>> Acesso em 10 out. 2016

⁹LEI No 10.216, DE 6 DE ABRIL DE 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10216.htm> Acesso em 10 out. 2016

Tribunal de Justiça e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) realizam mutirões para atender os usuários de drogas, usando a referida lei como base.

A internação, com base na lei, pode ocorrer de três formas:

- 1) **voluntária** - quando o doente aceita a internação sem resistência;
- 2) **involuntária** - quando um familiar solicita a internação por escrito e o médico psiquiatra autoriza;
- 3) **compulsória** - sem autorização familiar, sendo determinada por um juiz, por meio da autorização médica que ateste a necessidade.

O tratamento oferecido pelas comunidades terapêuticas, de acordo com Nathali Sabino e Sílvia Cazenave (2005), é realizado com o objetivo de tornar o paciente o principal responsável por sua reabilitação, claro, contando com a ajuda dos companheiros do grupo e de profissionais da área de saúde. “O processo terapêutico focaliza intervenções sociais, atribuindo funções, direitos e responsabilidades aos indivíduos em tratamento” (SABINO e CAZENAVE, 2005, p.172).

Cada comunidade terapêutica possui uma forma de organização, mas em sua maioria, destaca-se a convivência em grupo como um dos fatores chave para a ressocialização do indivíduo. Além disso, as atividades individuais e os grupos de partilha também são fundamentais para que o dependente possa refletir e partilhar suas experiências.

Em pesquisa realizada por Renata Crauss e Josiane Abaid (2012), destacam-se o trabalho dos profissionais que dão aos pacientes encorajamento e a importância do grupo na reconstrução da sua identidade social. Numa análise sobre a “A dependência química e o tratamento de desintoxicação hospitalar na fala dos usuários”, elas verificaram que os dependentes químicos participantes da pesquisa têm o desejo de voltar a ter uma vida em sociedade. Segundo as autoras, eles têm vontade de construir uma vida nova, e acreditam que o tratamento seja o primeiro passo para isso.

Elas constatam também a importância da família no processo, desde a motivação para iniciarem o tratamento e a força para continuarem. Segundo o estudo, observou-se que os pacientes utilizam da recuperação para reconquistar a confiança dos familiares. Em contrapartida, Carlos Sobral e Paulo Pereira (2012) destacam o fato dos familiares se tornarem co-dependentes, podendo até adoecer, uma vez que é impossível desconsiderar o contexto social e familiar do paciente.

As discussões do gênero documentário e da dependência química reforçam a importância da produção deste trabalho. Dessa forma, ele é importante para ampliar o debate a respeito do tratamento a dependentes químicos, e também, funcionar como uma forma de divulgação do problema social, que é a dependência.

RELATÓRIO TÉCNICO

O trabalho desenvolvido concentra seus esforços em retratar o processo de reabilitação do dependente químico e sua reinserção na sociedade. A produção do vídeo-documentário necessitou ser feita de forma minuciosa e precisa, a fim de que pudesse retratar como as pessoas convivem com a dependência química. O trabalho foi realizado em três etapas: pré-produção, produção e pós-produção, que serão apresentadas a seguir.

2.1 Pré-produção

A realização do vídeo-documentário depende de fontes, e para termos acesso a elas solicitamos o apoio da Secretaria Municipal de Saúde de Viçosa. No dia 12 de agosto, a assistente social Maria Aparecida Bibiana de Oliveira nos passou os telefones e os nomes dos responsáveis pelas três casas de recuperação¹⁰ instaladas em Viçosa, além de outra ainda em fase de implementação.

Desde então, contatamos todas as casas, mas conseguimos o apoio de duas: a Casa do Caminho e a Casa de Acolhida Dom Luciano. Assim, marcamos uma reunião com os responsáveis de cada uma para explicarmos o projeto do trabalho e então sabermos se poderíamos contar com o suporte das instituições.

No dia 18 de agosto conversamos com João Batista de Castro, responsável pela clínica espírita Casa do Caminho. De forma solícita, ele nos explicou sobre o funcionamento do local, as atividades realizadas que envolvem os internos, as famílias e

¹⁰ Casas de recuperação são entidades mantidas por alguma instituição religiosa, sem a presença efetiva/constante de profissionais ligados à área da saúde. Nestes locais o tratamento é marcado por melhorias físicas e espirituais.

amigos dos dependentes químicos. Após o encontro, sentimos a necessidade de elaborarmos uma versão simplificada do projeto que foi apresentado como parte das avaliações da disciplina COM 390 - Pesquisa na Comunicação. Com a autorização do orientador, enviamos, via e-mail, a versão para João Batista e para os demais contatos que fizemos posteriormente com outras casas e pessoas.

A convite do Sr. João, fomos participar das reuniões internas da casa. Elas acontecem às segundas e sextas-feiras, a partir das 19h30. No sábado, há uma reunião especial exclusiva para as famílias e amigos dos internos, com início às 11h.

No dia 22 de agosto, participamos como ouvintes da reunião para os internos. O encontro se assemelha às dos grupos Alcoólicos e Narcóticos Anônimos. Após apresentação de um tema, os internos são estimulados a partilharem de suas vivências no tratamento e da sua vida de modo geral. Nesta ocasião, pudemos perceber que Breno Miranda seria uma fonte interessante para o trabalho, uma vez que ele estava prestes a sair da internação, que dura dois meses na Casa do Caminho. De acordo com o Sr. João, este período foi estipulado pela diretoria, que entende ser uma forma de atender mais usuários, além de ser suficiente para conseguir a recuperação física dos dependentes do álcool que é a maior demanda da Casa. Outras clínicas trabalham com o período de nove meses, sendo uma escolha de cada uma, embasada na filosofia do tratamento.

Por se tratar de um tema delicado, que aborda história de vida das pessoas em momentos difíceis, sentimos a necessidade de uma orientação profissional da área da Psicologia. Dessa forma, conversamos no dia 24 de agosto com a psicóloga Josely Horta, que desenvolve trabalhos com familiares de dependentes em recuperação na Casa do Caminho. A profissional nos esclareceu questões sobre como abordar os internos e a forma como devemos explorar a vivência dessas pessoas sem ultrapassar o limite de uma entrevista jornalística.

Dessa forma, é preciso se preparar para lidar com situações não programadas nas entrevistas, já que estaríamos adentrando em outro universo e, para isso, precisaríamos estar “sem juízo de valor, sem preconceito, para que assim possa estar com o outro, conhecer...” (SILVA, 2007)¹¹

¹¹Disponível em: <<https://www.algosobre.com.br/psicologia/a-entrevista-psicologica-e-suas-nuancas.html>>
Acesso em: 20 mai. 2016

A psicóloga destacou que deveríamos conversar com respeito com os dependentes em tratamento, sem diferenças, da mesma forma como tratamos as pessoas durante o dia adia. Josely Horta alertou que teríamos que nos preparar para ter contato com histórias sofridas de pessoas que já passaram por situações complexas, como tentativas de assassinatos e prisões.

Na reunião com os pais e familiares coordenada pela psicóloga Josely Horta, as pessoas são convidadas a “esquecerem” por um tempo dos internos e a pensarem um pouco em si. Busca-se um empoderamento dessas pessoas, porque elas acabam adoecendo assim como o familiar que é dependente. Então, os familiares são convidados a partilhar relatos sobre si, suas atitudes e a repensar suas ações seja durante o tratamento ou após, já que muitos dos que participam da reunião não têm mais o parente/amigo internado, mas estão lá porque gostam de dividir suas experiências e porque se sentem bem ao ouvirem e serem ouvidos.

Também fomos convidados a participar dessa reunião e no sábado do dia 27 de agosto fomos até a Casa do Caminho. A psicóloga conversou com os participantes da reunião para saber se eles aprovavam a nossa observação. Com o aval deles pudemos entrar e também explicar o que estávamos fazendo ali. A gravação dessa reunião não foi autorizada pela psicóloga.

O contato com a Casa de Acolhida Dom Luciano se deu por meio de Marlene Batista da Silva, coordenadora da instituição, localizada na zona rural de Viçosa. No dia 24 de agosto fizemos uma reunião com ela, da mesma forma que havíamos realizado com o Sr. João Batista, da Casa do Caminho. Após explicarmos o nosso projeto, Marlene explicou que seria necessário fazer uma reunião dela com outras responsáveis pela Casa e até lá deveríamos aguardar a resposta.

Marlene informou que, caso a gravação fosse liberada, só poderia acontecer sem a identificação das entrevistadas, tanto no vídeo, como no áudio. Dessa forma, nosso orientador explicou quais as técnicas deveríamos usar para realizar os registros para o documentário.

No dia 16 de setembro tivemos a autorização da Casa para realizarmos as gravações com as internas. A dinâmica do dia de gravação com elas está relatada no tópico a seguir.

A etapa de pré-produção se estendeu de agosto até 16 de setembro. Concomitante a ela, a etapa de produção foi sendo realizada, uma vez que antes da aprovação da Casa de Acolhida Dom Luciano, as gravações na Casa do Caminho já estavam encaminhadas.

A primeira versão do roteiro foi elaborada no âmbito da pré-produção, com a definição de uma linha de condução da história do vídeo-documentário a ser produzido.

2.2 Produção

O acesso à Casa do Caminho foi livre, o Sr. João nos autorizou a entrar no local a hora que fosse necessário e nos dias que precisássemos. Assim, optamos por entrevistar Breno José F. Miranda pela manhã do dia 25 de agosto. Breno é homem de 29 anos com muitas histórias para contar e recebeu, com muita disposição, o convite para compartilhar sua intimidade no documentário.

Durante a entrevista, um senhor muito simpático prestava atenção e dava palpite em tudo que o Breno dizia. Tratava-se do Sr. José Lopes Santana, colega do Breno na Casa, que convivendo juntos durante o período, chamava a atenção quando o amigo esquecia de contar algum detalhe de sua história. Tal fato despertou nossa atenção, e assim que terminamos a conversa com o Breno convidamos o amigo para dar seu depoimento. Por um instante ele se mostrou tímido, mas depois disse que não tinha vergonha de contar sobre a sua história.

Retornamos à Casa do Caminho no sábado, 27, para gravar a liberação do Breno da Casa, após o fim dos 60 dias de internação. Às 6h da manhã já estávamos no local, mas devido a uma confusão de horário do entrevistado descobrimos que ele só sairia às 18h. Aproveitamos a oportunidade para fazer imagens dos internos e de uma das atividades que eles participam durante o dia. Também entrevistamos Thiago de Castro Almeida, recém-chegado na Casa do Caminho. Foi uma ótima oportunidade para perceber por meio do relato a opinião de quem está no início do processo de recuperação.

As entrevistas com Geraldo de Freitas Pimenta Filho foram realizadas em dois momentos. No dia 02 de setembro conversamos com o entrevistado a respeito da sua atuação na Casa do Caminho, onde é voluntário. Já no dia 07 de setembro, fomos à cidade de Barra Longa, Minas Gerais, distante 85 quilômetros de Viçosa. Lá, acompanhamos a transmissão do seu programa “Despertar da Consciência”, pela emissora de rádio Barra

FM. O programa aborda a dependência química e é um meio encontrado por Geraldo para divulgar na mídia a importância da sobriedade, funcionando como um resumo das mensagens e reuniões da Casa do Caminho, em Viçosa.

Na produção deste trabalho, Geraldo teve uma importância diferenciada, uma vez que ele trabalha com o assunto – a dependência química – em um meio de comunicação – o rádio. Assim, usamos esse personagem para fazer uma aproximação, no roteiro, entre o tema discutido e o papel da mídia diante desse tema.

As gravações com a psicóloga Josely Horta e o presidente da Casa do Caminho, João Batista, foram realizadas no dia 05 de setembro. A psicóloga foi fundamental para descrever a importância da família no processo de reabilitação do dependente químico e também porque ela realiza um trabalho semanal na Casa com os familiares. Já a entrevista com João Batista foi realizada à noite, precisando ser gravada novamente no dia 24 de setembro, porque a qualidade de vídeo não ficou satisfatória. Dessa forma, o segundo dia de gravação com João foi proveitoso e a fonte entendeu a necessidade de regravar a entrevista, que aconteceu com o apoio da estudante em Comunicação Social - Jornalismo da UFV, Karina Mendes, que ficou responsável pela câmera de apoio. A condução da entrevista ficou sob a responsabilidade do estudante Mateus.

As entrevistas realizadas na Casa de Acolhida Dom Luciano foram realizadas no dia 18 de setembro. A comunidade terapêutica atende mulheres da região em um período de nove meses. Na oportunidade, apenas duas mulheres, V.R.C.C e E.A.S¹², se disponibilizaram a conversar conosco. Para que a entrevista acontecesse, ficou acordado com a direção da comunidade que elas teriam suas identidades preservadas.

As últimas entrevistas realizadas foram feitas com Paulo Henrique de Paiva e Vívian Cristina Fagundes Paiva, que moram em Paula Cândido, Minas Gerais, distante 25 quilômetros de Viçosa. No dia 02 de outubro, Jonathan contou com o apoio da jornalista, formada pela UFV, Dayane Silva Pereira, para realizar as gravações. As entrevistas foram realizadas na casa dos personagens, porém houve muita dificuldade para compor um cenário, devido ao excesso de luminosidade solar no ambiente.

¹²Assim como a imagem e a voz, os nomes das entrevistadas também serão preservados.

2.3 Personagens

Neste tópico, destinaremos espaço para a apresentação, de forma resumida, dos dez entrevistados presentes no vídeo-documentário.

2.3.1 Breno José F. Miranda

Natural de Viçosa, Breno morava em Paula Cândido, Minas Gerais, antes de ser internado na Casa do Caminho. Casado e pai de uma filha, seu envolvimento com as drogas teve início aos 15 anos, quando começou a ser “aviãozinho” atraído pela possibilidade de ter bens materiais, como carro e moto. Rapidamente passou a consumir e chegou a ser preso por traficar drogas. Passou por outras clínicas, mas sempre desistiu do tratamento. A Casa do Caminho, para ele foi, uma experiência diferente, motivando-o a continuar sóbrio após o término do tratamento.



Figura 1– Breno, durante entrevista no documentário

2.3.2 *José Lopes Santana*

De Abre Campo, Minas Gerias, José foi criado na roça, trabalhando nos engenhos, fazendo rapadura. Ficou embriagado pela primeira vez aos 13 anos, quando ainda estava na 4ª série do primário. Chegou a ter 18 pés de maconha em sua casa, mas considera o álcool a pior droga para o homem. Por não aceitar que ninguém lhe colocasse ordens, saiu de casa ainda cedo e ficou morando na casa de parentes e amigos. Não chegou a terminar os estudos, se casou e só em 2016 resolveu pedir ajuda para mudar de vida.



Figura 2– José Santana, durante entrevista no documentário

2.3.3 *Thiago de Castro Almeida*

Natural de Caratinga, Minas Gerais, Thiago está internado da Casa do Caminho há 13 dias (no dia da gravação - 27/08/2016). Thiago já passou por um tratamento antes de entrar na Casa. Seu envolvimento com as drogas se deve aos inúmeros problemas de saúde, como a trombofilia, que provocou o vício em remédios que aliviavam as dores que sentia. Esteve internado pela primeira vez em Ipatinga, Minas Gerais, e após concluir seu primeiro tratamento, começou a trabalhar na mesma clínica. Porém, em um dia de folga teve uma recaída e, mesmo recebendo auxílio da clínica, optou por buscar tratamento em outro local, já que não se sentia digno de estar lá.



Figura 3– Thiago, durante entrevista no documentário

2.3.4 Geraldo de Freitas Pimenta Filho

Conhecido como Birraia, Geraldo de Freitas é voluntário na Casa do Caminho e apresentador de um programa na rádio Barra FM, em Barra Longa, Minas Gerais. Conheceu a casa quando se submeteu ao tratamento e após os dois meses internados, em 2003, não conseguiu a deixar, se tornando voluntário por gratidão a tudo que a Casa lhe ofereceu. Seu programa de rádio é diário, das 7h às 8h, e ele convida as pessoas a despertarem a consciência, alertando sobre os usos das drogas e transmitindo o amor, como ele diz. É a forma que ele encontrou para propagar boas mensagens e manter a sobriedade, da qual ele tanto gosta. Vivendo em duas cidades, desloca-se todas as semanas, às sextas-feiras para Viçosa e retorna a Barra Longa às segundas-feiras.



Figura 4 – Geraldo, durante entrevista no documentário

2.3.5 V.R.C.C¹³.

Devido ao seu envolvimento com o álcool e cigarro, a entrevistada chegou a achar que nada na vida valia mais a pena. Porém, com o apoio da família criou coragem e juntou forças para buscar o tratamento e mudar o rumo da sua vida. Separada, mãe de três filhos, está prestes a deixar o tratamento de nove meses (no dia da gravação, 18/09/2016, ela estava no oitavo mês de reabilitação) para retomar sua vida. Além do apoio da família, conta também com o apoio dos patrões, que lhe ajudam durante o tratamento e garantem o emprego para o futuro próximo.



Figura 5– V.R.C.C., durante entrevista no documentário

¹³ Por determinação da Casa de Acolhida Dom Luciano, a entrevistada não pôde ser identificada.

2.3.6 E.A.S.¹⁴

Internada há sete dias (no dia da gravação, 18/09/2016), a entrevistada procurou o tratamento após adoecer devido ao uso abusivo de álcool. Além disso, precisou largar o emprego porque não conseguia mais trabalhar. Iniciou o uso da bebida aos 15 anos, acompanhando sua irmã. Possui a história marcada pela perda de amigos que também se envolveram com as drogas. Entre as complicações de saúde causadas pela bebida, estão a anemia, diabetes, problemas no fígado e hipertensão.



Figura 6 – E.A.S., durante entrevista no documentário

¹⁴ Por determinação da Casa de Acolhida Dom Luciano, a entrevistada não pôde ser identificada.

2.3.7 Paulo Henrique de Paiva

Agente e fundador da Pastoral da Sobriedade, em Paula Cândido, Minas Gerais, Paulo Henrique começou a se envolver com o álcool e outras drogas aos 21 anos, mesma época em que se casou com Vivian Cristina. Pai de três filhos, durante o período que estava em contato com as drogas não conseguia manter a família financeiramente, já que não possuía emprego fixo. Foi internado durante 9 meses numa comunidade terapêutica em Cataguases, Minas Gerais, distante aproximadamente 95 quilômetros de Paula Cândido. Desde então, é engajado na recuperação de outras pessoas da sua cidade.



Figura 7 – Paulo, durante entrevista no documentário

2.3.8 Vivian Cristina Fagundes Paiva

Casada com Paulo Henrique, Vivian passou boa parte do seu casamento sem saber do envolvimento do marido com as drogas. Pensou em se separar, mas após a decisão dele de se tratar optou por refazer a sua vida, dando-lhe uma nova oportunidade. Após o término do tratamento começou a acompanhar o marido nas atividades da Pastoral da Sobriedade, a fim de incentivá-lo a perseverar e se manter sóbrio.



Figura 8 – Vivian, durante entrevista no documentário

2.3.9 João Batista de Castro

João tem 62 anos de idade e é atualmente o presidente da Casa do Caminho. É um dos fundadores da instituição, inaugurada em 2001. Além das funções administrativas do cargo, também coordena atividades e reuniões com os internos. Realiza um trabalho voluntário na Casa e também é responsável por conversar com os dependentes em recuperação para orientar sobre as normas e dar conselhos.



Figura 9 – João, durante entrevista no documentário

2.3.10 Maria Josely Horta de Azevedo

Psicóloga formada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Jô, como é conhecida, realiza um trabalho voluntário na Casa do Caminho. Todos os sábados, às 11 horas, ela coordena uma reunião com os familiares e amigos dos internos da Instituição. Seu maior desafio é orientar as pessoas que convivem com os dependentes a não se sentirem culpados pela situação e trabalhar para que eles não se sintam abatidos. Também atende em um consultório particular e é psicóloga do CTI do Hospital São João Batista, em Viçosa.



Figura 10 – Josely, durante entrevista no documentário

2.4 Relatos

As gravações e os estudos nos permitiram aprofundar no tema. Pudemos notar que os entrevistados consideram a dependência como uma doença causada entre outros motivos também por uma pré-disposição genética. A doença da adicção¹⁵, como relatou Paulo Henrique de Paiva, é despertada pela curiosidade que os levaram a ingerir a primeira dose de álcool ou fumar o primeiro cigarro.

É interessante destacar que após terminar o tratamento na clínica ou em uma comunidade terapêutica, o dependente não deixa de ser dependente. Ele o é pelo resto da vida. De acordo com a fala do Breno Miranda, podemos perceber que o tratamento auxilia na recuperação, mas é a atitude de cada um que define o bom ou o mau resultado. Além disso, é uma luta constante, que a cada dia precisa ser enfrentada pelos dependentes.

A psicóloga Josely Horta também chamou nossa atenção para o fato da postura da família após o tratamento. É preciso ficar atento a vários detalhes, como no caso de um dependente de álcool, a ingestão de alimentos que levam pimenta curtida na cachaça ou algum prato que contenha alguma quantidade de álcool, como “língua ao vinho”, aparentemente não fazem mal. Porém, basta uma gota do álcool para se ter uma recaída. Assim, Josely nos afirma que a postura familiar precisa ser ativa. No primeiro momento, a família está doente, exausta com as atitudes tomadas pelo usuário de drogas. Durante a internação, a família também precisa de um acompanhamento para se “desintoxicar” e se preparar para receber a pessoa que está acometida ao tratamento. Além disso, no pós-tratamento é necessário que a família incentive o dependente químico a estar em constante vigilância, seguindo os passos orientados pela comunidade terapêutica, seja participando da Pastoral da Sobriedade, seja dos Alcoólicos Anônimos e outros.

Geraldo Birraia foi uma fonte interessante que descobrimos no período. Além de ser voluntário na Casa onde se recuperou, utiliza um meio de comunicação para falar sobre duas coisas que ele tem propriedade para falar: a sobriedade e o vício. Por isso fomos até Barra Longa para acompanhar o programa, e ele nos recebeu muito bem. Solícito, fez questão que almoçássemos em sua residência. Ir àquela cidade também foi uma

¹⁵ Adicção é vício, dependência. Engloba tanto a dependência por substâncias, quanto a psicológica e a compulsão por jogos.

oportunidade para vermos de perto os rastros do maior desastre ambiental do país, o rompimento da barragem de mineração em Mariana.

2.5 Pós-produção

Realizadas as gravações, os estudantes se dedicaram à decupagem (transcrição) de todo o material. Assim, o roteiro final foi elaborado com base no espelho que orientou todo o processo de gravação das entrevistas. O trabalho de decupagem do material foi de extrema importância para a boa realização da edição final do produto, que permitiu a visualização dos trechos dos entrevistados sem que fosse necessário assistir todo o arquivo em vídeo.

As entrevistas com os dez personagens e as gravações de imagens renderam um total de 127 *gigabytes* de arquivos. A versão final do vídeo-documentário tem 23 minutos e cinquenta segundos (23:50:06) e possui um tamanho de 2,05*gigabytes*.

A edição do vídeo-documentário foi feita no *software* Edius versão 5 e foi realizada pelos próprios desenvolvedores do trabalho. Dessa forma, foi possível colocar em prática o que foi aprendido nas disciplinas de Telejornalismo 1 e 2, oferecidas no curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV. Os ajustes de áudio foram realizados pelo Leandro Vieira e os de imagem por Albert Ferreira, ambos funcionários do Departamento de Comunicação - DCM. Em paralelo à edição os estudantes também pensaram nas artes que compõem o trabalho, contando com a colaboração de Rodrigo Fuscaldi.

O projeto inicial tinha como título “*O processo de reabilitação do dependente químico e sua reinserção na sociedade*”. Porém, durante as entrevistas observou-se que o desejo dos internos e dos ex-internos é diária e tem como objetivo a sobriedade. Para os entrevistados, é preciso viver um dia de cada vez, sob o lema “só por hoje”. Assim, a sobriedade significa para eles estar longe das drogas, vivendo de forma moderada. Dessa forma, o nome do trabalho foi alterado para “*Sobriedade: Libertação de um submundo*”, fazendo referência, então, ao que as fontes tanto pontuaram nas entrevistas.

Segundo a versão online do Dicionário Houaiss¹⁶, a palavra sobriedade tem os seguintes significados:

¹⁶ Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v2-3/html/index.htm#3>> Acessado em 20 out. 2016

qualidade, condição ou estado de quem ou do que é sóbrio.

1 moderação ou frugalidade no comer e/ou no beber

2 estado ou condição de quem não se encontra intoxicado por bebida alcoólica

3 moderação nas paixões e caprichos; temperança, equilíbrio, moderação, seriedade

4 caráter ou comportamento sereno, discreto, recatado

5 gravidade no modo de pensar, de falar etc.

6 fig. naturalidade no emprego de recursos literários e artísticos; despojamento de artifícios, floreios, ornamentos exagerados, efeitos intrincados

7 qualidade do que não tem tom ou cor vistosa, chamativa

(DICIONÁRIO HOUAISS, versão online)

2.6 Ficha Técnica

Para a realização do trabalho, foram utilizados os seguintes equipamentos *software* de edição:

Equipamento	Fonte
Câmera Nikon D3200	Departamento de Comunicação Social - UFV
Tripé	Departamento de Comunicação Social - UFV
Microfone lapela	Departamento de Comunicação Social - UFV
Microfone boom	Departamento de Comunicação Social - UFV
Iluminação Led	Departamento de Comunicação Social - UFV
Edius Versão 5 free	Site do desenvolvedor - Grass Valley
Automóvel e combustível	Recurso dos alunos
Computadores	Recurso dos alunos

Além disso, o trabalho contou com a colaboração das seguintes pessoas:

- Dayane Silva Pereira - cinegrafia (nas gravações do dia 02/10/2016;)
- Karina Mendes da Costa - cinegrafia (na gravação do dia 24/09/2016);
- Rodrigo Fuscaldi e - artes visuais;
- Albert Ferreira - edição de imagem;
- Leandro Vieira - edição de áudio;

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso nos fez perceber a falta de políticas públicas para o acesso ao tratamento da dependência química. Seria, então, necessário dar mais atenção à população viciada. Esta demanda se torna ainda mais eminente quando analisamos os números de pesquisas, como o II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas - Lenad - (2012) e o relatório de 2015 do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC, na sigla em Inglês). O consumo e o acesso às drogas lícitas e ilícitas têm atingido boa parte da sociedade, mas o acesso ao tratamento não cresce na mesma proporção.

A partir da pesquisa bibliográfica que realizamos para a elaborar o memorial, juntamente com as entrevistas para o vídeo-documentário, passamos a entender como o álcool, uma droga lícita funciona como uma porta de entrada para outras substâncias.

O papel da mídia se mostrou como um influenciador no consumo de drogas, principalmente no que diz respeito ao álcool. Os comerciais fazem apelo a uma vida feliz associada ao álcool e, de acordo com os textos lidos, os jovens são os que mais sofrem a interferência, justamente por estarem em um período da vida em que a experiência com novas atitudes são comuns. Ao mesmo tempo, entendemos que também é um papel da mídia esclarecer, mostrar opiniões e ampliar a voz de quem, de fato, está envolvido no problema. Da mesma forma que os meios de comunicação influenciam o consumo, o mesmo pode ser utilizado para que o inverso aconteça. É necessário que se amplie as discussões a respeito das drogas com a sociedade, elaborar campanhas de prevenção, informar sobre as reais consequências, e os meios de comunicação podem ser aliados nesta etapa.

O trabalho se mostrou desafiador em vários aspectos. Da parte técnica, destacamos a experiência que tivemos para fazer uma gravação sem a identificação da fonte, que demandou posicionamento e enquadramento de câmeras diferentes dos usados habitualmente. Da parte de logística também tivemos que nos adaptar. O estudante Mateus se mudou para Vitória, Espírito Santo, no dia 10 de setembro, aprovado no Curso de Residência em Jornalismo da Rede Gazeta. Mateus e Jonathan ficaram distantes mais de 400 quilômetros e foi preciso planejamento, companheirismo e amizade para conseguir finalizar o trabalho com poucos encontros presenciais e muito contato via internet.

Foi também surpreendente. No início pensávamos que seria muito difícil conseguir as fontes, por se tratar de um tema “pesado” e que julgamos ser complicado para as pessoas falarem. Entretanto, já no primeiro dia de gravação, percebemos que a realidade foi outra. Encontramos pessoas dispostas a nos ajudar e a compartilhar suas histórias, o que com certeza é decisivo para a qualidade do vídeo-documentário.

Esperamos que este material sirva como fonte de informação sobre o tema, que é delicado e que demanda discussões e ações urgentes. Acreditamos que as histórias contidas no vídeo-documentário podem contribuir para a reflexão sobre as consequências das drogas na sociedade e o quanto o tratamento se torna importante. Assim, é preciso que se promova o acesso ao tratamento para os usuários e o suporte às famílias, para que o processo se torne eficaz.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD) - 2012. Ronaldo Laranjeira (Supervisão) [et al], São Paulo: **Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de álcool e Outras Drogas (INPAD)**, UNIFESP. 2014. Disponível em: <<http://inpad.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Lenad-II-Relat%C3%B3rio.pdf>>

ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. Uso de álcool e drogas e contextos sociais da violência. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v.4, n.1, fev. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762008000100002&lng=pt&nrm=iso>

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema?**, São Paulo: Brasiliense, 6 ed, 1984, 117 p.

CAPISTRANO et al. Impacto social do uso abusivo de drogas para dependentes químicos registrados em prontuários. **Cogitare Enfermagem** Universidade Federal do Paraná. 2013. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/33556/21055>>

CARVALHO, Márcia. **O documentário como projeto experimental**. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0299-1.pdf>>

CRAUSS, Renata Maria. ABAID, Josiane LieberknetchtWathier. **A dependência química e o tratamento de desintoxicação hospitalar na fala dos usuários.** Contextos Clínicos, vol. 5, n. 1, janeiro-junho 2012. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/download/etc.2012.51.07/847>>

DIAS, Rodrigo Francisco. **Em busca da definição:** Mas afinal... o que é mesmo documentário? de Fernão Pessoa Ramos. Revista de História e Estudos Culturais. Vol 6 Ano VI n° 2. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF19/Resenha_1_Rodrigo_Francisco_Dias.pdf>

MASTROIANNI, Fábio de Carvalho. **As drogas psicotrópicas na imprensa brasileira: Análise do material publicado e do discurso dos profissionais da área de Jornalismo / Fábio de Carvalho Mastroianni.** São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.repositorio.unifesp.br/handle/11600/8969>>

MOREIRA, Juliana da Silva. **O consumo de drogas no Brasil: Implicações Jurídicas e Prevenção da Dependência.** 2010. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MOTA, Leonardo de Araújo e. **Dependência Química, Representações Sociais e Estigmas.** XVI Congresso Nacional de Sociologia. Fortaleza, 2009.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Traduzido por Mônica Saddy Martins. Editora Papirus, 2005.

NUNES, Laura M.; JÓLLUSKIN, Gloria. **O uso de drogas: breve análise histórica e social.** Portugal. 2007. Disponível em: <<http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/449/1/230-237FCHS04-15.pdf>>

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial da saúde.** Saúde mental: nova concepção, nova esperança. Tradução por Gabinete de Tradução Climepsi Editores. 2001. Disponível em: <<http://psiquiatriabh.com.br/wp/wp-content/uploads/2015/01/Relatorio-OMS-da-saude-mental-no-mundo-2001.pdf>>

PECHANSKY, Flavio; SZOBOT, Claudia Maciel; SCIVOLETTO, Sandra. **Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos.** Rev. Bras. Psiquiatr., São Paulo, v. 26, supl. 1, p. 14-17, Maio 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462004000500005>. Acessado em 13 Out. 2016.

PEREIRA, Allan Gouvêa. **Entre mitos, silenciamentos e circularidades:** a cobertura televisiva do câncer e suas formas de percepção. Faculdade de Comunicação, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

PINTO, Cíntia Xavier da Silva. **O documentário como produção jornalística: nos limites da pesquisa experimental em trabalhos de conclusão em Jornalismo.** Doutorado Acadêmico em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, 2011.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio dos. O processo saúde-doença e a dependência química: interfaces e evolução. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 203-211, Junho 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722009000200008&lng=en&nrm=iso> Acesso em 30 abr. 2016

Presidência da República, Casa Civil, Subchefia de Assuntos Jurídicos. **LEI Nº 10.216, DE 6 DE ABRIL DE 2001.** Acesso em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10216.htm> 14 de mai. de 2016, às 16h52

RIOS, Andréa Cabral. **“Só eu posso, mas não posso sozinho”:** dimensões psicossociais de um tratamento para dependentes químicos da cidade de São João Del-Rei. Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de São João Del-Rei, 2011. disponível em:<http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestradspsicologia/Dissertacao_Andrea.pdf>

ROMERA, Liana. Drogas e mídia: influências no lazer da juventude. **Licere**, Belo Horizonte, v.12, n.3, set./2009

SABINO, Nathali Di Martino. CAZENAVE, Sílvia de Oliveira Santos. **Comunidades terapêuticas como forma de tratamento para a dependência de substâncias psicoativas.** Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v22n2/v22n2a06.pdf>>

SILVA, V. G. **A Entrevista Psicológica e suas Nuanças.** <http://www.algosobre.com.br>, 2007 (Artigo Publicado no Portal Algosobre) Disponível em:<<https://www.algosobre.com.br/psicologia/a-entrevista-psicologica-e-suas-nuancas.html>> Acesso em: 20 mai. 2016

SOBRAL, Carlos Alberto. PEREIRA, Paulo Celso. **A co-dependência dos familiares do dependente químico: revisão da literatura.** Instituto Municipal de Ensino Superior – IMES, São Paulo. Disponível em: <<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/21/21112012211234.pdf>>

UNODC, United Nations Offices on Drugs and Crime. **O uso de drogas é estavel, mas o acesso ao tratamento da dependência e do HIV ainda é baixo.** Disponível em: <<https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2015/06/relatorio-mundial-sobre-drogas-de-2015--o-uso-de-drogas-e-estavel--mas-o-acesso-ao-tratamento-da-dependencia-e-do-hiv-ainda-e-baixo.html>> Acesso em 07 de maio de 2016, às 19h35min.

UNODC, United Nations Office on Drugs and Crime. <<http://www.unodc.org/wdr2015/>> Acesso em 07 de maio de 2016, às 19h27min.

ZANDONADE, Vanessa e FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social.** Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo. Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis/ Fundação Educacional do Município de Assis, 2003.

ANEXOS

Roteiro – Sobriedade: libertação de um submundo	
Técnica	Descrição
Início Trilha “Prelude No 16 – Chris Zabriskie”.	Logo comemorativa de 90 anos da UFV Logo do Departamento de Comunicação Social Logo do Curso de Comunicação Social
DSC_019 0:02:09;16 a 0:02:13;07; 0:02:13;15 a 0:02:28;18 0:02:28;17 a 0:02:32;06	Geraldo Filho, ex-interno “Casa do Caminho” há 14 anos - Bom dia, amados ouvintes da Rádio Barra Fm. O Despertar da Consciência a luz do espiritismo está de volta. Nesta belíssima manhã de quarta-feira, 07 de setembro, hoje estamos comemorando a Independência do nosso país, se é que nós já estamos independentes.
DSC_005 0:00:23;02 a 0:00:33;14	
Gravação Barra FM – 0:46:40;16 a 0:46:48;22	Geraldo Filho, ex-interno “Casa do Caminho” há 14 anos - Que nós tenhamos consciência de que somos capazes. Basta fazermos um esforço!
DSC_0004 0:02:13;04 a 0:02:25;07 0:02:29;07 a 0:02:33;18 0:03:28;00 a 03:34;08	Geraldo Filho, ex-interno “Casa do Caminho” há 14 anos - A minha idade é 57 anos, eu nasci no dia 09 de fevereiro de 1959. Iniciei no alcoolismo aos 12 anos. Tive a minha carreira como estudante interrompida devido ao alcoolismo. E a minha vida foi um a interrupção sempre, todos os trabalhos interrompidos devido ao alcoolismo.
Fim da trilha	
DSC_0047 0:02:35;16 a 0:02:46;12 0:03:09;16 a 0:03:26;00 0:06:59;02 a 0:07:24;00	Geraldo Filho, ex-interno “Casa do Caminho” há 14 anos - A mídia, a televisão, o jornal, eles vendem imagens falsas. De uma falsa alegria, de uma falsa vitória. Você imagina que tomando a marca daquela cerveja, você imagina que vai ter um corpo sarado daqueles jovens que estão na praia jogando futevôlei, naturalmente eles não devem fazer uso de álcool porque estão ali ganhando, é um meio de ganhar a vida. Eu uso o meio de

<p>DSC_0041 0:06:40;22 a 0:07:06;22</p>	<p>comunicação, que é o rádio, que é o celular, que é o computador, para fazer com que aquela onda de ódio que eu propagava quando era um consumidor contumaz. Eu, hoje, eu uso para neutralizar essa onda aí que eu já propaguei um dia e que hoje eu tento mostra que é possível se transformar.</p>
<p>Início Trilha “Prelude No 16 – Chris Zabriskie”.</p>	<p>A 14 anos eu cheguei na Casa do Caminho para fazer o tratamento do alcoolismo, eu estava mais morto do que vivo. Eu não passava de um lixo humano. Sem esperanças nenhuma. Os médicos já tinham desenganado, a família já não tinha esperanças nenhuma. Foi a última cartada que eles deram comigo, e eu já sentia que estava no fim.</p>
<p>DSC_0012 0:00:13;23 a 0:00:19;00 0:02:15;22 a 0:02:30;02 0:07:13;23 a 0:07:23;09</p>	<p>Thiago de Almeida, interno “Casa do Caminho” há 13 dias - Meu nome é Thiago Castro de Almeida, tenho 30 anos, sou de Caratinga. Meu primeiro contato com a droga foi, vamos dizer droga licita, foi a dolantina, né. Eu tomava doses de dolantina, né, para aliviar a dor. Depois de muita pesquisa, muita pesquisa, muita pesquisa... foi descoberto que eu tinha uma Trombofilia. A Trombofilia causa essa deficiência de proteína S. Qualquer movimento que fazia assim, não podia fazer quase nada, qualquer movimento que eu fazia era risco de dar uma trombose. Aí, nesse período, sei lá, eu com 18 anos, 19 anos, porque eu posso, né, porque eu não posso fazer as coisas. Aquilo começou a vir uma revolta. Usei muito crack, cheirei muita cocaína, até um dia eu vê que aquela situação já não estava dando para mim, já estava ficando perigoso, já estava ruim, e eu pedi ajuda.</p>
<p>Fim da trilha 0:08:25;04 a 0:08:32;07 0:08:51;01 a 0:09:03;09 0:11:26;00 a 0:11:45;02</p>	
<p>DSC_0003 0:03:16;15 a 0:03:48;01</p>	<p>João Batista de Castro, presidente “Casa do Caminho” - A gente trabalha com aqueles que estão em busca dessa recuperação, que vêm aqui por vontade própria, e a gente, quando ele vem, passa primeiro por um atendimento médico, já vem receitado (03’36’’), trazendo o medicamento que ele precisa utilizar, né, nesse período que ele está aqui, porque nós mesmos não oferecemos nenhum tipo de medicamento</p>
<p>DSC_0013</p>	

<p>0:08:32;13 a 0:08:37;05 0:08:58;17 a 0:09:06;08 0:09:10;03 a 0:09:29;05 0:17:45;12 a 0:17:49;13 0:17:53;09 a 0:18:00;23</p>	<p>Thiago de Almeida, interno “Casa do Caminho” há 13 dias - Olha, eu posso te falar a verdade: eu não estou tendo nenhum tipo de dificuldade. Lógico que existe... existe muita coisa, né. Não concorda com uma coisa, não concorda com outra. Mas, não tem essa dificuldade assim. Eu digo concordar assim, às vezes você olha uma coisa assim e fala “isso não está legal”, mas eu não posso mudar a pessoa, tenho que mudar é eu. O outro... o tratamento é individual. A casa oferece para gente também, um ambiente bem tranquilo, porque em clínica os ambientes são muito pesados. Aqui não, aqui o ambiente é muito tranquilo.</p>
<p>Início Trilha “Prelude No 16 – Chris Zabriskie”.</p>	
<p>DSC_0005 0:00:07;00 a 0:00:25;11 0:01:18;13 a 0:01:28;08</p>	<p>Breno Miranda, interno “Casa do Caminho” há 57 dias - Eu me chamo Breno, sou mais um adicto em recuperação, com a plena convicção né, que a partir dessa internação eu vou ser conseguir me livrar desse, como eu posso dizer? Desse dragão que é os vícios da droga. Começou tudo quando através de um conhecimento que eu tive de uma pessoa que é... vendia, quando eu fiz quinze anos ele me deu uma moto de presente... então depois que eu comecei a pilotar eu comecei a ser aviãozinho dele e ali eu não conhecia a droga já no uso de cara, ali eu ganhei dinheiro com ela, trafiquei durante um bom tempo... aí com isso veio cadeia, aí já veio fumando a maconha, cheirando um pó, aí o crack veio através da curiosidade né, porque nessa época eu só ganhava o dinheiro, não tinha o crack ainda... aí quando o crack veio, depois de ganhar bastante dinheiro, aí despertou em mim a curiosidade né... já tinha experimentado a maconha, tinha experimentado o pó, a gente como sempre todos nós temos aquela curiosidade em mente, fui experimentar. Bastou experimentar ela uma vez e não sair dela mais e perder tudo o que eu tinha conseguido, apesar de ser com dinheiro sujo, mas tudo que vem fácil vai fácil.</p>
<p>Fim da Trilha</p>	
<p>0:01:42;04 a 0:02:39;05 0:06:27;21 a 0:06:46;19</p>	<p>Breno Miranda, interno “Casa do Caminho” há 57 dias - Eu, sendo bastante sincero, todas as outras clínicas foram boas, mas só que na minha mente, como eu sou um cara ignorante, as outras clínicas por serem pagas, eu entendia que eles visualizavam mais o dinheiro, não</p>

<p>DSC_0003 0:00:51;20 a 0:01:26;18</p>	<p>querer, assim, o tratamento da pessoa.</p> <p>João Batista, presidente “Casa do Caminho” - A do Caminho não é uma clínica no sentido que as pessoas costumam denominar, até porque nós não temos aqui uma equipe de médicos, de enfermeiros, de psicólogos, que tratam de uma forma que uma clínica normalmente conduz. Aqui a gente diria que é como se fosse uma casa de passagem, dentro do que as pessoas costumam denominar quando você vai buscar algum recurso na prefeitura,</p>
<p>DSC_0010 0:08:24;12 a 0:08:28;04 0:13:26;12 a 0:13:34;17 0:08:39;16 a 0:08:55;12</p>	<p>José Lopes Santana, interno “Casa do Caminho” há 57 dias- No início a ansiedade era muita “ah vontade de embora, vontade de ir embora...” hoje não! Lá fora, você não é tratado que nem aqui. Aqui você tem o poder de você falar assim “eu sou bem tratado!” Aqui todo mundo de trata com carinho, te leva palavras e mensagens de paz e tranquilidade, muito amor!</p>
<p>DSC_0005 0:08:20;00 a 0:08:29;16 0:08:32;10 a 0:08:40;11</p>	<p>Breno Miranda, interno “Casa do Caminho” há 57 dias - Todos têm a oportunidade de falar o que sente, de jogar para fora aquilo que... igual eu, eu sinto a necessidade de desabafar, porque a pessoa que, pelo menos no meu caso eu creio que todos são assim que tem esse problema, essa doença, sente a necessidade de desabafar, tem que jogar pra fora, porque aquilo que não joga para fora te faz mal.</p>
<p>DSC_0003 0:08:40;23 a 0:09:13;08 0:10:03;03 a 0:10:27;14</p>	<p>João Batista de Castro, presidente “Casa do Caminho” - A gente passa sessenta dias aqui, e ao longo de cada dia a gente tem quatro atividades que a gente passa para eles alguma informação, então ele vai levar sessenta frases, sessenta mensagens, sessenta músicas, sessenta histórias, sessenta horas de convivência e estudos do evangelho, né, então em tudo eles têm uma quantidade bastante interessante de material para eles refletirem. No começo aqui da casa, a gente até teve alguns atendimentos na área feminina também, sabe... e depois assim, por opção a gente percebeu que era melhor a gente ficar com um, um grupo só, porque era mais tranquilo de lidar até pelo espaço que a gente tinha aqui</p>
<p>Início Trilha “Prelude No</p>	

<p>16 – Chris Zabriskie”.</p> <p>DSC_0059 0:00:00;00 a 0:00:06;00</p> <p>DSC_0058 0:00:02;16 a 0:00:07;16</p> <p>DSC_0057 0:00:00;00 a 0:00:06;12</p> <p>DSC_0014 0:02:06;12 a 0:02:27;22</p> <p>DSC_0013 0:04:55;01 a 0:05:06;04 0:05:07;20 a 0:05:16;27</p> <p>Fim da Trilha</p> <p>DSC_0003 0:10:42;13 a 0:10:52;00 0:11:16;22 a 0:11:41;19</p> <p>DSC_0013 0:15:01;23 a 0:15:08;08 0:07:49;08 a 0:07:54;09 0:08:32;03 a 0:08:46;05 0:09:02;23 a 0:09:24;14 0:09:43;00 a 0:09:47;05</p>	<p>Imagens de OFF</p> <p>V.R.C.C., interna “Casa de Acolhida – Dom Luciano” há 8 meses - Olha, a gente começa achando que não é nada, não é nada e eu comecei com uns vinte e cinco anos, talvez vinte e cinco, vinte e seis anos... eu achava bonito... todo mundo bebia, todo mundo fumava... e foi levando isso aí...</p> <p>E.A.S., interna “Casa de Acolhida – Dom Luciano” há 7 dias - Eu tinha quinze anos... aí foi do nada... a minha irmã começou mais nova aí eu fui e acompanhei ela... Aí que eu tô tendo que parar... porque deu problema de saúde sério aí eu parei...</p> <p>João Batista de Castro, presidente “Casa do Caminho” - A gente vê que é muito mais difícil para a mulher, inclusive para a própria aceitação das pessoas da comunidade. Elas talvez por isso tenham essa dificuldade de mostrar o rosto, mas isso não é nem uma questão que é só das mulheres. A gente observa ao longo desse tempo todo aqui, que uma boa parte das pessoas que passam pela recuperação e se recuperam (11’34’’), maioria das vezes eles somem, a gente não tem notícia muito, não dão muito retorno, não vêm muito de volta.</p> <p>E.A.S., interna “Casa de Acolhida – Dom Luciano” há 7 dias - É vergonha! É vergonha mesmo... É um bocado do prazer e um bocado esquecer as coisas... Falta de pessoal que, como se diz assim, eram as minhas colegas, sabe? Aos quinze anos eu tinha elas ainda... não tinha amizade com elas, mas conhecia... depois que peguei amizade com elas... tem um amigo meu que foi morto bêbado. Não pode ter ódio e nem revolta, né.</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>DSC_0014 0:00:28;02 a 0:01:05;14</p>	<p>V.R.C.C., interna “Casa de Acolhida – Dom Luciano” há 8 meses - Envolvi muito com a bebida, cigarro... cheguei a achar que nada valia a pena para a minha vida mais... então por motivos assim de achar que não era feliz, nada estava bom... mas acordei a tempo de ver que eu tinha coisas boas na minha vida, que são meus filhos, e que eu precisava lutar por mim e por eles.</p>
<p>DSC_0024 0:00:57;13 a 0:01:08;00</p>	<p>Josely Horta, psicóloga- A família geralmente está exaurida, cansada, mas mesmo assim é com ela que ele vai contar.</p>
<p>DSC_0025 0:04:22;14 a 0:05:12;09 0:05:16;21 a 0:05:18;12 0:05:34;10 a 0:05:57;08</p>	<p>Josely Horta, psicóloga- A família, a mãe né, todos, vem ele chega à noite, bêbado, péssimo, a mãe vai esquentar a comida, vai olhar, vai porque quem sabe se ele comer ele melhora... aí ele joga tudo, quebra tudo, vomito, faz xixi. Ali fica... Ele não tinha ideia de como ele ficava, aquela figura legal, sensível, é outro... e é dolorido para ele e dolorido para a família. Ele não tinha ideia. Então assim, uma das coisas que nós recomendamos é ele apropriar daquilo, responder por ele e para ele se enxergar.</p>
<p>Início Trilha “Prelude No 16 – Chris Zabriskie”.</p>	
<p>DSC_0063 0:00:36;08 a 0:01:09;00</p>	<p>Paulo Henrique de Paiva, ex-interno há 4 anos - Comecei pelo álcool, na idade de 15 anos, comecei a tomar cerveja, aí as amizades foram crescendo e (eu) era muito tímido. E sempre quando saía para as festas tinha que ter bebida, para poder está conversando, está com as meninas principalmente, chegar nas meninas e por aí fui crescendo neste mundo. E com 21 anos que eu conheci as drogas, foi a cocaína.</p>
<p>Fim da Trilha 0:02:26;00 a 0:02:45;05 0:03:15;04 a 0:03:26;00 0:07:27;12 a 0:07:52;14</p>	<p>Paulo Henrique de Paiva, ex-interno há 4 anos - Com 21 anos eu casei. E continuei usando. E começou a afetar meu lado financeiro em casa. Depois eu comecei a já pegar droga, e mais quantidade, vendia e tirava pro meu uso. Aí, depois, bem anos já, eu estava casado e conheci o</p>

<p>DSC_0068 0:03:04;23 a 0:03:17;03 0:03:19;04 a 0:03:35;06</p>	<p>crack. Chegou um momento que eu fiquei cego, surdo e mudo, porque eu não falava com as pessoas que queria o meu bem, não ouvia as pessoas que queria o meu bem e não enxergava as pessoas que queriam o meu bem. Enxergava só as outras pessoas que estavam no uso, farra, só coisas que atrapalhou muito essa vida minha, principalmente, familiar.</p> <p>Vivian Cristina Paiva, esposa de Paulo Henrique - Até então, eu fiquei sabendo que ele estava aprofundado nas drogas quando ele realmente estava no fundo do poço. Ele acabou, ficou osso e pele. Então, assim, eu não tinha certeza, ouvia muitos rumores, muita gente comentava, mas ninguém tinha chegado e falado.</p>
<p>DSC_0024 0:03:39;02 a 0:04:00;05 0:04:40;12 a 0:04:50;17</p>	<p>Josely Horta, psicóloga - A família chega “porque eu fiz isso errado? Eu criei todos assim e...” Aí nós vamos aprender um novo olhar, né?! Ninguém é culpado. Essa palavra é até uma palavra muito complicada. Então às vezes... nós podemos ser corresponsáveis. Se aquele drogado está ali... você pode saber que a família, a mãe há muito já está muito sofrida e adoecida. Não é só ele.</p>
<p>Início Trilha “Prelude No 16 – Chris Zabriskie”.</p>	
<p>DSC_0068 0:06:45;20 a 0:06:52;00 0:07:13;02 a 0:07:21;08 0:07:25;11 a 0:07:43;04 0:08:50;03 a 0:09:06;08</p>	<p>Vivian Cristina Paiva, esposa de Paulo Henrique - Eu ter certeza foi muito ruim, né, tira o chão da gente. É tão ruim o que a gente sente. A gente sente uma pessoa incapacitada, uma pessoa inútil, a gente sente mal demais diante da situação. A gente está ali com as melhores das intenções e vê o casamento indo para outros lados. Se a gente não firmar o corpo vai mesmo. Porque é difícil você deitar com um drogado, dormir com um drogado, acordar com um drogado. Quando ele decidiu a se internar, aí sim... a partir do momento que ele foi para clínica eu comecei a dormir. Porque eu sabia que lá ele não estava correndo perigo</p>
<p>Fim da Trilha</p>	
<p>DSC_0064 0:04:45;09 a 0:04:49;22</p>	<p>Paulo Henrique de Paiva, ex-interno há 4 anos- Todo</p>

<p>0:04:54;01 a 0:05:10;18</p>	<p>mês tinha visita, primeiro domingo e terceiro domingo. A minha esposa foi em todas as visitas, a minha mãe também. Então, cada mês vinha uma pessoa diferente da família, e isso ajuda a gente demais da conta, é muito importante a família está caminhando junto.</p>
<p>DSC_0004 0:00:47;19 a 0:01:01:00 0:00:28;08 a 0:00:34;19 0:05:04;19 a 0:05:16;15</p>	<p>Geraldo Filho, ex-interno “Casa do Caminho” há 14 anos - E a recuperação da doença do alcoolismo e das outras drogas ilícitas, ela é um dia de cada vez. Então, a gente necessita de trabalhar essa doença todos os dias. No momento, eu estou desempregado, mas eu sou voluntário na Casa do Caminho, já há 14 anos. Todos os finais de semana eu venho para Viçosa, para prestar aqui os meus serviços a essa casa, como agradecimento e como uma forma de me manter sóbrio.</p>
<p>DSC_0064 0:12:00;09 a 0:12:39;05 0:13:23;04 a 0:13:41;12 0:10:44;20 a 0:11:11;22</p>	<p>Paulo Henrique de Paiva, ex-interno há 4 anos - Eu estava na casa de um amigo, levando ajuda para ele, que ele tem problema com álcool e com droga também. Eu estava conversando com ele para ver se ele fazia um tratamento e tal. Nisso a minha esposa ligou para mim lá, ela falou que era uma reunião que fala sobre droga, sobre os 12 passos também da pastoral, é um programa que acontece uma vez por semana, e tem que fazer a formação também. Cada passo tem uma passagem bíblica onde a gente reflete. É um grupo de autoajuda onde tem várias pessoas frequentando com nós lá, famílias, mães de dependentes químicos, dependentes químicos que estão frequentando com nós. E hoje eu faço esse trabalho, de pessoas, famílias, filhos, pais ou mulheres que precisam de ajuda com o problema do álcool das drogas, ai me procura eu tenho os exames que precisa fazer, corro atrás do assistente social para estar agilizando o mais rápido possível e levo para fazer o tratamento.</p>
<p>DSC_0073 0:00:23;00 a 0:00:31;04 0:01:50;17 a 0:02:23;04</p>	<p>Vivian Cristina Paiva, esposa de Paulo Henrique - A Pastoral da Sobriedade, a gente fez uma formação, e hoje eu também sou uma agente da Pastoral da Sobriedade. Para mim é importante, porque os momentos difíceis que ele passou eu passei junto com ele. Eu sinto até na obrigação de continuar. Porque eu sei que se uma hora eu não querer ir ou desanimar de uma reunião vai acabar</p>

<p>Trilha Sonora “Canon in D. Major – Johan Pachelbel”</p> <p>DSC_9113 0:00:00;23 a 0:00:07;12</p> <p>DSC_0001 0:00:00;00 a 0:00:03;21</p> <p>DSC_0053 0:00:00;00 a 0:00:04;05</p> <p>DSC_9120 0:00:00;00 a 0:00:05;08</p> <p>DSC_0001 0:03:33;20 a 0:03:39;00</p> <p>DSC_0005 0:01:50;11 a 0:01:56;03</p> <p>DSC_0014 0:16:53;00 a 0:17:06;14</p> <p>DSC_0013 0:03:02;11 a 0:03:17;21</p> <p>DSC_0013 0:14:59;09 a 0:15:08;08</p> <p>DSC_9088 0:00:05;19 a 0:00:16;14</p> <p>DSC_0006</p>	<p>desanimando ele também. E eu não quero que ele recaia muito, porque eu sei que a recaída é bem pior.</p> <p>Imagem de OFF</p> <p>V.R.C.C., interna “Casa de Acolhida – Dom Luciano” há 8 meses - Acho que se a gente esconder o que a gente passa, outras pessoas vão caindo na mesma coisa e... tem muito jovens acontecendo a mesma coisa que aconteceu comigo e que está acontecendo com as minhas colegas aí.</p> <p>E.A.S., interna “Casa de Acolhida – Dom Luciano” há 7 dias- Tá sendo bom! Tô gostando de ficar aqui, gostando de conhecer gente nova, das meninas... como dizer assim?! Fazer tipo amizades novas.</p> <p>Thiago de Almeida, interno “Casa do Caminho” há 13 dias - Olha a expectativa do meu tratamento é que eu posso fazer ele da melhor maneira possível, aproveitar ele da melhor maneira possível, absorver tudo que foi me passado e chegar lá fora e colocar em prática, colocar em prática aquilo que aprendi aqui, trabalhar, poder ajudar a minha mãe e seguir em frente, sem drogas, sem nada, voltar a estudar e seguir sóbrio, seguir sóbrio.</p> <p>Breno Miranda, interno “Casa do Caminho” há 57</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>0:01:00;11 a 0:01:37;05</p> <p>DSC_0010</p> <p>0:12:38;14 a 0:13:10;12</p> <p>Créditos</p>	<p>dias - Para quem está iniciando o tratamento, o que eu posso falar é o seguinte: não desista! Porque por mais que venha a vontade, venha os pensamentos negativos, que vem, mas que não desista, porque vale a pena. A sobriedade da gente não tem valor. Ela é impagável. Está certo que eu saindo da clínica... a clínica não garante que eu vou ficar sóbrio lá fora, mas se você pegar e escutar direitinho as reuniões e pegar aquilo (1'31'') para você, de coração, a recaída é quase impossível.</p> <p>José Lopes Santana, interno “Casa do Caminho” há 57 dias - A retomada do meu caminho da minha vida vai ser o velho homem ficou para trás... hoje eu sou um novo homem, eu vou começar ser uma nova estrada na minha vida... aquele caminho, aquela estrada eu vou deixar ela parada. Porque o velho homem eu não consigo matar ele. Vai ficar guardado aqui dentro de mim, você entendeu? Mas daqui para frente eu sou um novo homem. Eu quero ser uma nova pessoa, um novo ser (13'08''), quero ser melhor, bem melhor!</p> <p>Produção, Roteiro e Direção Jonathan Fagundes Mateus Dias</p> <p>Entrevistados Breno José Miranda E.A.S. Geraldo Filho “Birraia” João Batista de Castro José Lopes Santana Josely Horta Paulo Henrique de Paiva Thiago de Castro Almeida V.R.C.C. Vivian Cristina Paiva.</p> <p>Agradecimentos Albert Ferreira Dayane Pereira Karina Mendes Helton Rodrigues Rodrigo Fuscaldi Casa de Acolhida Dom Luciano</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Fim da trilha.</p>	<p>Casa do Caminho Rádio Barra FM</p> <p>Trilha Sonoras Canon in D. Major – Johan Pachelbel Coffe Stains – Riot Prelude No 16 – Chris Zabriskie</p> <p>Cinegrafia Jonathan Fagundes Mateus Dias Dayane Pereira Karina Mendes</p> <p>Edição de Vídeo e Créditos Jonathan Fagundes</p> <p>Edição de Áudio Leandro Vieira</p> <p>Artes Rodrigo Fuscaldi</p> <p>Este documentário é um projeto experimental produzido como requisito para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, na Universidade Federal de Viçosa.</p> <p>Logo Curso de Comunicação Social Logo do Departamento de Comunicação Social Logo comemorativa de 90 anos da UFV</p>
-----------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------



Universidade Federal de Viçosa Departamento
de Artes e Humanidades Curso de
Comunicação Social/Jornalismo

AUTORIZAÇÃO DE USO DA IMAGEM

Eu _____, nacionalidade _____, estado
civil _____, profissão _____, cpf _____, rg. _____
_____, residente
à _____ cidade/uf _____, cep.
_____, tel. (____) _____, doravante apenas “autorizador(a)”,
venho, através da presente, autorizar, expressamente, a Universidade Federal de Viçosa
(UFV) a reproduzir, publicar, veicular, citar e exibir meu nome, minhas declarações e/ou
minha imagem no projeto
experimental _____
quantas vezes se fizerem necessários e em todo território nacional e, eventualmente, no
exterior, em meio impresso e eletrônico (internet), em local, edição, tamanho a serem
definidos a exclusivo critério da autorizada.

A presente autorização é fornecida em caráter gratuito, não incorrendo a autorizada em
qualquer custo ou ônus, a qualquer tempo e título.

Viçosa, ____/____/____.

Assinatura